

**A PAIDÉIA COMO BILDUNG:
A TRAJETÓRIA DO CONCEITO GREGO À MODERNIDADE**

Renato Gross

Universidade Tuiuti do Paraná

6. Intelectuais, pensamento social e educação.

Trabalho individual.

Introdução:

O século XVIII europeu viu surgir uma concepção nova, dinâmica e metodológica da razão. Abandonaram-se as **metanarrativas**, e a **metafísica**, trocou-se a luz da revelação pela luz da razão e da ciência, a dominação pela libertação, o artesanato pela tecnologia, as trevas pela luz, o medievo pela modernidade. Trocou-se “um rei, uma lei, uma fé” por “liberdade, igualdade, fraternidade”; trocou-se o “*fiat lux*” por “Let Newton be and all was light...”(CASSIRER, 1997, 74)

“A obra de Newton teve, entre outras, duas conseqüências de suma importância: estabelecer a validade da mecânica terrestre no espaço celeste e eliminar da estrutura das ciências naturais os dogmas filosóficos desnecessários”. (DAMPIER, 1992, p.195-196) Este processo todo teve seu apogeu no altar principal de Notre Dame, ao se trocar as estátuas lá existentes pela Razão entronizada. Assistia-se ao renascimento do Iluminismo, agora sob a denominação de Esclarecimento,

A “*Aufklärung*” (Esclarecimento) permaneceu sempre restrita a um grupo pequeno de “esclarecidos”, dentro das pequenas universidades alemãs. A luminosidade da Razão era aquela dos intelectuais e filósofos que aderiram à utopia de melhorar o homem e o mundo mediante a luz da Razão. A instrução e a educação do homem fariam a humanidade progredir. Era o primado da inteligência, da teoria, do saber pelo saber, desinteressado da prática requerida pelas tarefas cotidianas. É o formalismo levado às últimas conseqüências: além do método do conhecimento, ele é também uma regra de vida moral, um estilo de viver e de pensar. O *Sapere aude!* pulsa de energia, determinação: ousa usar o teu juízo! Somente assim se dissiparão a ignorância e a superstição. No dizer de Spenlé:

Iluminai os cérebros e fareis reinar no mundo a felicidade e a virtude, por que a teoria leva à prática, por meio da conseqüência lógica. E é preciso sobre tudo travar uma luta sem tréguas, não somente contra a ignorância e erro que são apenas insuficiência provisória ou engano accidental,

mas sobre tudo contra um falso saber imputável à vontade do homem que se recusa a instruir-se e a dirigir-se pela razão... (SPLENLÉ, 1973, p.31-32)

É neste momento da história do pensamento alemão que surge Immanuel Kant (1724-1804), que deflagra a “revolução copernicana” na filosofia. “Em Kant a razão se faz uma luz solitária, destinada a consumir a noite deste mundo”. (BLOCH, 1989, p.225) E nesta mesma citação, Bloch continua: e “Em Hegel a razão se faz mestre-escola e a noite do mundo se retira dos sujeitos incultos”. (Ibid., p.225)

A Kant e Hegel, pode-se acrescentar Gotthold Ephraim Lessing (1729-1786) e Johann Gottlieb Fichte (1762-1814). Os quatro em seus escritos, evidenciam a importância que a *Aufklärung* (Esclarecimento) dava à educação, deixando clara a relação entre saber e liberdade, situando-a simultaneamente, como fim e meio do desenvolvimento do saber. Nada mais natural, pois ao conceber o homem como um ser maleável e aperfeiçoável; o que torna possível a união entre a história dos homens e a história do progresso – é a ampliação dos limites da civilização através da difusão do Iluminismo.

Crê-se estar, portanto, evidenciado o papel chave da Educação e da Pedagogia na perseguição dos ideais iluministas. Surge uma nova maneira de ver os filhos; com Rousseau, surge uma nova maneira de ver as crianças, e a intensa atividade intelectual e política redonda na preocupação pedagógica e seu respectivo projeto.

1. A pedagogia do Esclarecimento

Ao conceber o seu sistema de universidades, ao privilegiar a Estética e a Natureza como potencialmente educativas, ao cultivar o classicismo, especialmente o helênico, ao entender a educação como *sich bilden* (auto-cultivo), ao incentivar os valores morais, éticos e espirituais que poderiam perder-se com o progresso social e econômico, ao privilegiar a sua língua germânica, ao cultivar o romantismo da *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto), sem todavia romper frontalmente com a *Aufklärung* (Esclarecimento) enfim, por tudo isso, e com certeza muito mais, estava o povo alemão como que relembrando a *Paidéia* dos gregos agora como de *Bildung* (Formação) e transplantada da Grécia para a Alemanha. Ressurgia assim a *Paidéia* grega agora germanizada e de inspiração protestante e pietista – a *Paidéia da Aufklärung*.

O **Pietismo** exerceu profunda e extensa influência sobre a mentalidade prussiana e alemã. “Os horrores e sofrimentos da Guerra dos Trinta Anos fizeram os homens perceberem a extrema futilidade dos métodos coercitivos na adoção da piedade cristã”. (EBY, 1976, p.217) É impossível separar o pietismo de sua obra educativa. Escolas pietistas rapidamente se espalharam pelos diversos domínios dos Príncipes Eleitores. Atingiram outros países, e estão na origem das Universidades de Colônia e da Pensilvânia. A primeira universidade pietista, e “moderna”, e com a qual iniciou-se toda uma revitalização das universidades alemãs, foi a Universidade de Halle (1694). “O novo espírito religioso combinado com o desejo de livre investigação fez cessar o formalismo, o tradicionalismo e a subserviência à autoridade (...)”. (Ibid, p.224) Apoiada por Leibniz (1646-1716), erudito alemão da época, a instrução atacou audaciosamente os métodos objetivos e naturais tradicionais do ensino universitário (Ibid., p.224) Wolff (1679-1754) um de seus professores, lecionava e escrevia em alemão, demonstrando seu desprezo pelo pedantismo hermético do Latim, bem como sustentava a primazia das Ciências Exatas sobre a Teologia. A fama de Halle cresceu rapidamente, e outras universidades alemãs passaram gradualmente a aceitar a nova ordem. Surgiram no cenário da filosofia alemã além de Leibniz e Wolff, nomes como Baumgarten (1714-1762), Mendelsson (1729-1786) e Lessing (1729-1781).

Os fins a que Wolff se propunha a alcançar com sua filosofia eram essencialmente ilustrados: uma utilidade prática que consistiria em fazer feliz ao homem, e um conhecimento claro e distinto sem o qual essa utilidade não poderia ser conseguida. Mas é em Lessing que iremos encontrar, em toda a sua claridade, o pensamento que domina toda a filosofia ilustrada: não é a posse da verdade, senão o esforço para alcançá-la o que determina o valor de um homem. O tema central do pensamento de Lessing é precisamente o problema da relação entre o esforço para a verdade mesma, entre a história e o eterno, entre as conquistas parciais e limitadas que o homem consegue no tempo e a verdade absoluta.

Ainda no século XVIII surge no império germânico o *filantropismo*, fundamentado nas idéias de Basedow (1723-1790), que no espírito ilustrado do pietismo visava a encaminhar esforços e ações para alcançar a maior felicidade humana mediante a educação. Sustentava ele que a educação era dever do Estado. Como conseqüência, fato que comprova e esclarece o poder de sua influência, em 1787, a Prússia promulgou um código escolar que tirava dos clérigos a direção das escolas e as subordinava ao Ministério da Educação, que para tais fins

passaria a dispor de escritórios e inspetores que administrariam e vigiarão as escolas primárias e secundárias. (cf. ABBAGNANO; VISALBERGHI, 1995, p.407-411)

Frederico, o Grande (1712-1789), o Imperador da Prússia – numa época na qual a Alemanha ainda era dividida entre principados eleitores, grão-ducados livres e ligas, é um dos personagens centrais da história cultural alemã, especialmente neste período da Ilustração. Seu pai e seu avô haviam protegido, beneficiado e incentivado os movimentos do pietismo e do filantropismo. Mas Frederico reuniu em torno de si pessoas como Von Zedlitz, educador de mentalidade iluminista e de eficiência burocrática, a nobreza cristã e pietista do pastor Hesker, a colaboração de Felbiger, monge agostiniano e do filantropista e reformador educacional Von Rochow. Além destes quatro auxiliares mais próximos, viveu ele na mesma época de Voltaire, Diderot, Condorcet, Kant, Rousseau, D’Alambert, Lessing, Schiller, Herder, Humboldt – enfim, tantos e tão fecundos pensadores, escritores, dramaturgos, cientistas, alemães ou não, que o próprio século XVIII é também chamado por alguns como o “Século de Frederico”.

Era a época do *Aufklärung* (Esclarecimento), e simultaneamente da *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto). Foi este o caldo cultural alemão na época da Ilustração. E coloca-se a seguinte questão: porque a Razão foi entronizada em Paris? Por que não em Berlim? Porque a Ilustração alemã não chegou às massas? “O povo alemão estava totalmente alheado de tudo isto e trabalhava como gado silencioso”.(EBY, 1976, p.273) Índole do povo alemão? Influência atávica da Reforma luterana, que inculcou no espírito do alemão de que o tempo é o bem mais precioso, que dele deveremos prestar contas a Deus e desperdiçá-lo é pecado? Ou será porque, ao contrário dos iluministas franceses, que ativamente se envolveram na política e nos movimentos sociais e revolucionários franceses, os iluministas alemães adotaram uma postura mais fria, lógica, distanciada destas questões? Ou será ainda porque o Romantismo alemão nas letras e nas artes (literatura e música especialmente) foi de tal amplitude que acabou por tirar um pouco o brilho da *Aufklärung*? O *Sturm und Drang* estaria mais em sintonia com a alma alemã que as Luzes?

Retornando à Universidade de Halle – era dela que durante a maior parte do século XVIII saíram os altos funcionários prussianos, sem dúvida imbuídos dos ideais pietistas que orientaram sua fundação. “Os pietistas tinham uma percepção aguda do valor e da santidade da alma individual. Para eles, a educação significava o máximo desenvolvimento possível dessa alma, o cuidadoso desdobrar do potencial único de salvação de cada criança”.

(RINGER, 2000, p.33) Foi esta uma crença bastante comum naqueles dias: cada indivíduo pela sua unicidade deveria ser passível de receber o máximo de uma educação harmônica.

Mas uma nova universidade entrava no cenário alemão, a de Göttingen, fundada em 1734. Nesta nova universidade

Conviver com os clássicos em Göttingen era rejeitar abertamente o racionalismo prático de Halle e, desde o começo, os neo-humanistas impregnaram seu programa educacional com uma certa tendência antiutilitarista. Seu objetivo era a educação plena e harmoniosa do indivíduo integral, a formação de personalidades esteticamente harmoniosas, “cultivadas”. Na visão dos neo-humanistas, o ensino implicava claramente algo mais que a formação intelectual. O contato com as fontes reverenciáveis da Antigüidade tinha por objetivo transformar o caráter integral do estudante, convertê-lo num novo homem. É fora de dúvida que os neo-humanistas foram motivados por puro amor a seu campo de estudos. Mas seus ideais, ou os resultados que obtiveram com seus alunos, não deixaram de ter implicações sociais. (RINGER, 2000, p.33)

E quais seriam estas? É evidente que um ensino desvinculado de finalidades práticas, que hauria diretamente da antiguidade clássica, era um ensino altamente elitista. Às “deficiências contemporâneas dos arranjos sociais alemães”, à visão utilitarista, derivada do pietismo e do filantropismo, os neo-humanistas davam agora uma outra resposta:

...o puro saber, a contemplação absolutamente desinteressada do bem e da verdade, é a principal vocação do homem. Serve melhor a humanidade quem cultiva ao máximo o seu próprio espírito; pois o mundo não tem propósito e realidade em si mesmo, nenhum sentido fora do trabalho criativo da mente e do espírito humano. Comparado a esse trabalho, tudo o mais é insignificante: os conhecimentos práticos da vida cotidiana, os detalhes da organização social e os acidentes da hierarquia e da posição social. (Ibid, p.35)

Com certeza estes eram novos tempos. Uma nova *Weltanschauung* (cosmovisão) estava se impondo, com novos valores (relegando os antigos ao ostracismo), uma nova visão de mundo, de homem, de cultura, de educação. E sua influência foi extremamente poderosa, fazendo-se sentir em cada aspecto da vida intelectual alemã daquele final do século XVIII. Todos acabaram por se envolver com as novas idéias – o neo-humanismo alemão, que deu ao mundo alguns de seus gênios mais festejados. Kant (1724-1804), Herder (1744-1803), Pestalozzi (1746-1827), (1749-1832), Mozart (1756-1791), Schiller (1759-1805), Fichte (1762-1814), Humboldt (1767-1835), A.Schlegel (1767-1845), Richter (1768-1825), Hegel (1770-1831), Beethoven (1770-1827), Hölderlin (1770-1843), F. Schlegel (1772-1829), Novalis (1772-1801), Schelling (1775-1854), Herbart (1776-1841), Froebel (1782-1852).

Listagem impressionante, genealogia que fez daquela era do pensamento e da cultura alemãs uma era única em sua grandeza. Como diz Ringer: “Esses homens exaltaram com muito orgulho e alguma paixão a vocação do intelectual puro. Foram sacerdotes da nova filosofia idealista, e as gerações posteriores de alemães viram neles inevitavelmente uma nova aristocracia da cultura (*Bildung*)” (RINGER, 2000, p.35).

E foi aqui que ficou nítida a diferença entre a *Lumièr* e a *Aufklärung*: enquanto na França o novo espírito crítico voltou-se prioritariamente para as idéias políticas e sociais, na Alemanha ela limitou-se quase que de forma exclusiva para as questões pessoais, morais e religiosas. E a reação iniciou-se mesmo em vida de Kant. O apogeu do iluminismo germânico coincide com o início de um retorno à Natureza – não à Natureza idealizada de Rousseau, mas a Natureza como *Sturm und Drang*: Tempestade e Ímpeto. O humanismo clássico e o romantismo deram-se as mãos. Redescobriam-se dois “paraísos perdidos”: a Grécia, uma espécie de pátria interior de todo alemão ilustrado da época, e de outro lado, o conjunto *bárbaro* do folclore, das lendas, sagas, mitos heróicos da pré-história germânica, verdadeiro baú arquetípico do modo alemão de pensar e de ver o mundo.

E neste recomeçar da cultura alemã, paralelamente ao *Aufklärung*, o bastão das luzes passou a ser levado agora não só pela Filosofia, mais precisamente pela Estética, mas também pela Literatura e, mais especificamente pela Poesia. E os alemães deram-se conta de que sua riqueza maior talvez residia no idioma alemão. A herança germânica da época da grande migração (empreendida pelos hunos, godos, ostrogodos, visigodos, burgúndios e merovíngios) e transmitida oralmente através das gerações na forma de cantos heróicos, passou para o primeiro plano nos estudos filológicos dos institutos de estudo superior da Alemanha.

Fichte lembrou aos alemães “que a cultura original só se pode desenvolver quando está baseada numa língua nativa que esteja de acordo com a psicologia do povo”. (HANS, 1971, p.69) E mais:

De todas as nações européias, a Alemanha, pela sua posição geográfica e circunstâncias históricas era a mais indicada para dirigir o mundo... Os alemães constituíam a única nação originalmente européia que permanecera na sua terra natal e preservara a sua língua e a sua cultura originais; assim os alemães estavam capacitados para contribuir para o pensamento e a ação originais da humanidade. (Ibid, p.274)

A língua alemã passou a ser vista como língua distintiva de um povo distinto.

Como consequência, a Teologia alemã cede a vez à Literatura alemã, o idealismo alemão passa a dividir as atenções com o romantismo alemão e as seqüências cronológicas destes movimentos se embaralham, já que uns surgem sem ultrapassar e sufocar os demais, numa convivência que, sem hostilidades e competitividades destrutivas, mutuamente acabaram por dar à Alemanha do século XIX um caráter cultural extremamente rico e fecundo, talvez sem paralelo na história dos povos europeus.

2. *Paidéia* grega – *Bildung* alemã

Ao estudar Shakespeare, Rousseau, Milton e outros, os jovens acadêmicos alemães, desde sempre presos ao formalismo do Latim, despertaram para um novo espírito criativo e literário. Descobriram o mundo clássico grego, e que a Razão não substitua a voz do coração. O pietismo não lhes interessava mais, já que viam nele uma das matrizes do racionalismo e do idealismo alemão. Impunha-se um novo ideal de humanidade culta. Começa então (final do século XVIII) a firmar-se este novo ideal alemão, que vinha substituir todas as concepções anteriores de educação, ideal este expresso numa única palavra: *Bildung* (formação). Tal vocábulo/conceito não só representava todo um ideal formativo a ser perseguido, como retratava o que já se praticava na classe média superior alemã, e em algumas universidades. Para Eby este novo conceito:

imitando o ideal grego era a expressão livre e natural do que é mais ideal na natureza humana. Atividade própria, multilateral, harmoniosa, e espontânea, auto-descoberta e expressão eram as características deste novo ideal. Visava o verdadeiro, o belo e o bom na humanidade. Tudo o que o homem empreende deve ter sua origem na união de todos os seus poderes; qualquer coisa isolada é feia. Viver sua vida como um todo orgânico, rítmico, é o fim mais alto. A formação de uma personalidade completa, ajustada a todos os aspectos da vida humana, pelo desenvolvimento harmonioso de todos os poderes do indivíduo, é o ideal. (EBY, 1976, p.336)

A concepção de *Bildung* (formação) aponta na direção de um ideal – uma utopia pedagógica, que buscava a formação integral e harmônica do ser humano, e que reconhecia nele a paridade razão-emoção. “A *Bildung* é tensão espiritual do eu, contato profundo com as várias esferas da cultura e consciência de um crescimento interior para formas de personalidades cada vez mais complexas e harmônicas” (CAMBI, 1999, p.420) E esta citação,

ao falar do belo, bom e verdadeiro, e de uma personalidade harmonicamente desenvolvida, não tem o poder de evocar em nós a lembrança dos ideais paidêuticos gregos?

Para ampliar-se ainda mais a conceituação de *Bildung* como ideal educativo/formativo na Alemanha esclarecida do século XVIII, com suas raízes no pietismo, e suas conexões com arte, moral e cultura, há que se lembrar que

Pessoas usavam o conceito de muitas maneiras e lhe davam diferentes colorações filosóficas e emocionais; para Kant e Mendelsohn, *Bildung* era pensamento esclarecido, para Herder e Schiller ele tem um caráter mais cultural e artístico. *Bildung* era política e socialmente multivalente: poderia ser associado com protesto e obediência, criticismo e acomodação; representa valores universais e clamores particulares para uma nova elite. Além de suas formulações específicas, *Bildung* representa as esperanças e aspirações dos intelectuais do século dezoito para si próprios e para a sua sociedade. (SHEEHAN, 1991, p.204)

Percebe-se a força dialética da *Bildung* alemã pela sua dupla natureza: ela é ao mesmo tempo aprendizado e formação, e não apenas o resultado final de um processo pedagógico. Por um lado ela é auto-didaxia. “Toda a personalidade está envolvida no ato de cognição. Quando as matérias a aprender são selecionadas de forma adequada, sua contemplação pode conduzir à sabedoria e à virtude. Elas podem atrair, elevar e transformar o estudioso” (RINGER, 2000, p.96). *Sich bilden* – “formar-se a si próprio”, com toda a redundância aí denotada. No dizer de Ribeiro (1999, p.192); “*Bildung* (...) a bela palavra alemã que designa uma educação como construção que um ser humano faz de si”. Personalidades únicas, forças formativas individualizadoras, resultados singulares, no plano coletivo e social configuram uma nova *Weltanschauung* (cosmovisão) de toda uma comunidade, inclusive de uma nação.

Por outro lado, ao “conceber o homem culto como uma obra de arte única”, “o ideal germânico de ensino” privilegiava o princípio da empatia (*Verstehen und Erleben*), ou seja, a “formação da alma por meio do ambiente cultural”.(RINGER, 2000, p.110) *Erleben* significa experimentar, vivenciar e *Erlebnis*, o ato de *Erleben*, “tem o sentido de ‘experiência vital’, algo por que alguém ‘passa’, com que se envolve profundamente”(Ibid, p.296). Já *verstehen* e *das Verstehen* no seu sentido cotidiano “poderiam ser traduzidas simplesmente por ‘entender’ e ‘entendimento’”.(Ibid, p.297) Portanto, o princípio da empatia leva-nos a distinguir entre vivência e entendimento. Correndo o risco da simplificação, poder-se-ia

evocar fontes “interna” e “externa” da apreensão do conhecimento, que se apresentam juntas e paralelas no processo cognitivo.

Considerações finais

Pode-se, assim, perceber a forma e as características que assumiu na Alemanha, à partir do século XVIII, um dos conceitos fundamentais da pedagogia moderna: o de *Bildung*. Ambos os conceitos, o de *Paidéia* e o de *Bildung*, são de tradução impraticável para o Português. Há quem traduza este último como cultura, com evidente esvaziamento de conteúdo, conforme procurou-se evidenciar acima. Mas pode-se, ainda, levantar outra importante e interessante questão: até que ponto o conceito de *Bildung* participou da formação da auto-imagem coletiva do povo alemão, bem como dos desdobramentos históricos e políticos posteriores naquela nação, nos séculos XIX e XX? Entender tais conceituações, que tiveram seu apogeu cultural na República de Weimar, e o envolvimento alemão em duas guerras mundiais, certamente ajudará ao historiador em geral, e ao historiador das idéias educacionais em particular, a melhor entender a própria evolução da história e da civilização ocidental.

Procurou-se, enfim, neste estudo, tratar da *Aufklärung* (Ilustração, Esclarecimento) ou seja, do iluminismo alemão e a apropriação por parte deste, do conceito de *Paidéia*, sob a forma de *Bildung* (Formação). A natureza das Luzes, (*Lumières*), de inspiração rousseauana, é substituída pela natureza da *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto). O clacissismo e o romantismo deram-se as mãos em Berlim. Surgiram Kant e todos os filósofo de língua alemã que o sucederam, e *Bildung* passou a ser o novo ideal formativo/pedagógico a ser perseguido pelos povos de língua alemã, com inegável influência sobre o restante do mundo ocidental moderno.

Referências Bibliográficas

- ABBAGNANO, N.; VISALBERGHI, A. *História de la pedagogia*. Cidade do México: Fondo de Cultura Econômica, 1995.
- BLOCH, Ernest. *L'esprit de l'utopie*. Paris: Gallimard, 1989.
- CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.
- CASSIRER, Ernest. *A filosofia do iluminismo*. Trad. Álvaro Cabral. Campinas, SP.. Unicamp, 1997.

DAMPIER, William Cecil. *Historia de la ciencia y sus relaciones con la filosofía y la religión*. Madrid: Editorial Tecnos, 1992.

EBY, Frederick. *História da educação moderna: séc. XVI / séc. XX, teoria, organização e Práticas educacionais*. Trad. Maria Ângela Vinagre de Almeida, Nelly Aleotti Maia, Malvina Choen Zaide. 2ªed.. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.

HANS, Nicholas. *Educação comparada*. Tradução de José Severo de Camargo Pereira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

LÉVÊQUE, Raphaël; BEST, Francine. Por uma filosofia da educação. In: DEBESSE Maurice. *Tratato das ciências pedagógicas*. Vol. 2. Trad. de Luiz Damasco Penna e J.B. Damasco Penna. São Paulo: Editora Nacional, Ed. da USP, 1974. (Col. Atualidades Pedagógicas).

RIBEIRO, Renato Janine. Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firme. In:

RINGER, Fritz K.. *O declínio dos mandarins alemães: a comunidade acadêmica alemã, 1980-1933*. Trad. Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Edusp, 2000.(Coleção Clássicos, vol.19).

SHEEHAN, James J.. *German history: 1770-1866*. Oxford: Clarendon Press, 1991.

SPENLÉ, Jean-Edoward. *O pensamento alemão de Lutero a Nietzsche*. Trad. Mário Ramos. Coimbra: Armênio Amado Editor, 1973.